

O novo normal: o velho essencial.

Renan Cepeda

O cancelamento de vários eventos e cursos que eu ministraria - além de abertura de exposição individual no Centro Cultural do Ministério de Relações Exteriores do Peru, em Lima - me privaram de grande fonte de renda, coisa de dezenas de milhares de reais, que garantiriam o nosso sustento básico e austero até o fim deste ano. Somos casal com dois filhos. Me converti em um ponto de interrogação.

Nas grandes crises da História os mais preparados para sobreviver são:

- 1- os que têm contato e acesso direto à terra e ao conhecimento para se adequar às mudanças;
- 2- os capazes de produzir o próprio alimento, em agricultura de auto-subsistência;
- 3- os que podem construir seu próprio abrigo.

Numa era de hiper especialização profissional, paradoxalmente são as habilidades ligadas à autonomia que assegurariam a sobrevivência da espécie sob um apocalipse planetário. As mesmas que sempre foram a base do desenvolvimento da civilização: a agricultura, a observação dos ciclos da natureza, isto é, a capacidade de produzir conhecimento ligado a atividades de satisfação de necessidades básicas.

Assim, neste momento nos refugiando da epidemia numa casinha de origem camponesa, somos beneficiados com o acesso a água sem contaminantes, ar sem impurezas, alimento sem custo monetário.

A solidariedade das pessoas que trabalham a terra é automática. A mão é estendida imediatamente para dividir com o vizinho os frutos do trabalho na forma de alimento, de flores ou de braços de força. Sobre os grupos humanos em que os vínculos são mais próximos regem os valores comunitários, as prioridades são outras, a sobrevivência é interdependente. Não há espaço e sentido para individualismos.

Como um bálsamo, as semanas de quarentena vão limpando aos poucos as angústias de indivíduo consumista-capitalista, próprio da sociedade de mercado. Qual é o sentido agora da compra que não seja absolutamente fundamental para a continuação da vida física? Qual é o sentido de quaisquer atos de consumo que não seja só para a sobrevivência? Qual o valor, neste contexto, do que faço como artista?

As fotografias aqui apresentadas fazem parte de uma pesquisa que venho desenvolvendo há alguns anos. Os assuntos são os mesmos das pinturas clássicas: bodegão, retratos e paisagens. Na minha procura ontológica de mostrar o que acho de mais belo, a ocasião da pandemia me devolve ao meu lugar natural de trabalho. Fotografo à noite, sob a técnica do *light painting*, em longas exposições, desenhando luz com uma lanterna à mão. Todos os efeitos são obtidos no ato fotográfico, sem manipulações posteriores. O presente trabalho já conta com mais de 20 imagens, entre cenários e retratos.

O dinheiro e recursos que sobravam no dia de meu aniversário, 21 de março, alcançavam para, além de comida e suprimentos suficientes para uma semana, encher o tanque de meu carro e subir com a família até uma pequena casa que temos na roça de Vargem Alta, que é distrito de Nova Friburgo, a 160 Km do Rio de Janeiro, na Serra Fluminense. Apostamos no isolamento a céu aberto, longe de um provável caos.

Temos este sítio desde 1983, herança de meu pai. Logo depois de seus funerais, há 33 anos, familiares me aconselharam a vender a propriedade, acreditavam que eu com a idade de 21 anos e minha irmã com 19, não teríamos condições de sustentá-lo. Porém, quando ainda em vida, meu pai já nos apontava sobre a importância de se ter um refúgio fora da cidade, com fonte de água e terra para plantar. Na ocasião de uma guerra, convulsão social, crise energética ou, claro, como eventos da natureza e impacto que testemunhamos hoje, poderíamos sobreviver com dignidade, junto à natureza. A penúltima casa de uma estradinha de terra e pedra fica cerca de 1.200 metros de altitude.

Nosso estabelecimento temporário nas montanhas nos faz refletir até que ponto valeria a pena insistir na vida urbana. Poucas vezes nos sentimos tão felizes. Ainda considerando que nossos recursos se esgotaram em menos de uma semana. Passamos a ser providos pelos colonos locais, com seus frutos de época, como caquis e pinhões, além de ovos, verduras e legumes. São eles o objeto de minhas fotografias, única moeda de troca, excepcionalmente valorizada por estes meus amigos.

Pelo menos tenho um considerável estoque de boas cachaças, que compartilho com meus vizinhos, o mais próximo cerca de um quilômetro daqui.